

O USO DE PRESERVATIVO PELOS ALUNOS DA FACULDADE DE MEDICINA DE BARBACENA, EM UMA ABORDAGEM SOCIOCULTURAL A RESPEITO DA

THE USE OF CONDOM BY THE STUDENTS OF MEDICAL COLLEGE OF BARBACENA – A SOCIAL CULTURAL APPROACH RELATED TO AIDS

Ângelo D Feres¹, Dilermando F Rezende², Fábio HW Botelho³,
Frederico G Câmara³, Gustavo AM Pinto³, Luciana CF Martins³, José O Costa⁴

RESUMO

Fundamentos: As mudanças de comportamento sexual adotadas pelos adultos jovens na última década, antecipando o início da atividade sexual e aumentando o número de parceiros, ocasionou o aumento da incidência de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) nessa população. Contudo, vários trabalhos têm mostrado que o uso de preservativos e o nível de informações sobre DST são insatisfatórios para a prevenção.^{1,2,3} **Objetivo:** Verificar a frequência do uso de preservativo entre os alunos da Faculdade de Medicina de Barbacena e conhecer crenças e comportamentos dos alunos em relação ao uso de preservativos, sexualidade e DST. **Métodos:** Foi feito um estudo de corte transversal em uma amostra de 291 alunos, randomizada de um universo de 427 estudantes. Os alunos foram submetidos a um questionário, abordando o uso de preservativo e conhecimentos gerais sobre DST/Sexualidade, preservando o anonimato. **Resultados:** Dos 291 alunos pesquisados, 159 pertencem ao sexo masculino (55,4%) e 128 pertencem ao sexo feminino (44,6%). A maioria dos alunos são solteiros (98,6%), sexualmente ativos (86,3%) e fazem uso de preservativo frequentemente (75%). **Conclusão:** O perfil sexual entre os alunos de medicina é bastante semelhante quando comparado às diferentes instituições de ensino médico.^{4,5,6} Em geral nota-se que o homem inicia sua atividade sexual mais cedo do que a mulher, possui um número maior de parceiros sexuais e utilizam o preservativo com maior frequência.

Palavras-chave: comportamento sexual, DST/Aids, uso de preservativo

ABSTRACT

Background: In recent decade, the young adults promoted a behavior sexual change, brought forward an earlier sexual activity and increased the number of sexual partners, causing an augmented incidence of the sexual transmitted disease (STD) in this population. However, many researches have been showed that usage of condom and the true level of information about sexually transmitted disease (STD) are deficient to get a prevention.^{1,2,3} **Objective:** to check the frequency of usage of condom among students of Medical College of Barbacena, Minas Gerais (Brazil) and to know the beliefs and students behavior concerning the usage of condoms, sexuality and Aids. **Methods:** a cross sectional study was made: a sample of 291 students randomized from an universe of 427 students was investigated. The students were submitted to a questionnaire, inclusive of general knowledges about sexually transmitted disease (STD) and sexuality. All students' identities were protected. **Results:** In an universe of 291 focussed students, 159 (55,4%) were male and 128 were female. The majority of participants were single (98,6%). About 86,3% of students have already started their sexual lives, and frequently, they've been making usage of condoms (75%). **Conclusion:** the sexual profile among the medical students is similar, when different medical institutions are compared.^{4,5,6} Generally, men start their sexual activity earlier than women, and make sex with a higher number of sexual partners. Again, the usage of condom is much more frequent in the male population.

Keywords: sex behavior, STD/Aids, usage of condom

ISSN: 0103-0465

DST – J bras Doenças Sex Transm 13(6):31-36, 2001

INTRODUÇÃO

As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), são por definição, aquelas doenças infecciosas transmitidas mais comumente, ou mais eficientemente, pelo contato sexual e cuja transmissão sexual tem importância epidemiológica.⁷ As antigamente chamadas doenças venéreas já foram denominadas pelos romanos de *Morbus Indecens* e nas escrituras sagradas há menção da gonorréia como impureza e da sífilis como amor imundo.⁸

A revolução sexual, incrementada pela disseminação da pílula anticoncepcional e do preservativo de látex, não foi acompanhada por medidas sanitárias, educacionais e sócio-econômicas necessárias à defesa da saúde da população, havendo relevante aumento das DST e o surgimento da Aids.⁹

A Aids foi identificada pela primeira vez no Brasil em 1980, em São Paulo, e desde então vem aumentando o número de casos a cada ano.¹⁰ No Brasil, a Aids tem sido atualmente causa expressiva de óbitos em mulheres de 25 a 50 anos, período mais ativo de sua vida sexual, o que é preocupante, pois a relação heterossexual estável e monogâmica tornou-se a principal porta de entrada para o HIV.¹¹ E isso faz parte do processo de interiorização, heterossexualização, feminilização e pauperização pelo qual o país está passando.¹ E, no mundo, cerca de 41.000.000 indivíduos estão convivendo com o vírus HIV, entre eles homens, mulheres e crianças.¹²

O HIV é transmitido, principalmente, através do ato sexual, da exposição parenteral ao sangue ou a seus derivados e, no período

¹ Pediatra; Coordenador da Associação Barbacenense de Apoio aos Aidiéticos.
² Chefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina de Barbacena
³ Alunos do 6º ano da Faculdade de Medicina de Barbacena
⁴ Perinatologista chefe da UTI Neonatal do Hospital Mater-Dei de Belo Horizonte; Coordenador do 6º ano da Faculdade de Medicina de Barbacena
Fundação José Bonifácio Lafayette de Andrada – FUNJOB
Faculdade de Medicina de Barbacena – FAME
Departamento de Medicina Preventiva e Social – DMPS

perinatal, de mães infectadas para seus bebês.⁷ A modalidade predominante de transmissão em todo o mundo é o contato sexual, não podendo descartar atualmente o beijo na boca.¹³

Considerando o contato sexual como principal forma de transmissão do HIV, o uso de preservativos de látex (*condom*) é o meio mais eficaz de prevenir a Aids, enquanto a vacina está longe de ser comercializada.¹⁴

O *condom* foi primeiramente descrito no século XVI como um envoltório de linho usado sobre o pênis para prevenção de doenças. No primeiro quarto do século XVIII, surgiram as primeiras referências às propriedades anticoncepcionais do *condom*.¹⁵ Com o surgimento da Aids, o *condom* voltou a ter uma conotação forte na prevenção das DST.

Apesar de todo o medo e preocupação da sociedade e das autoridades diante da Aids, e do incremento da produção, comercialização e consumo dos preservativos masculinos,¹⁶ tem-se verificado que o uso de preservativos ainda está muito abaixo do esperado e do que deveria representar. Vários fatores podem ser apontados como causas para esse descaso: falta de informação adequada para a população; nível socioeconômico baixo; entre outros. Em um trabalho realizado em Vitória (ES), em 1998, somente 30% das prostitutas relataram usar sempre o preservativo durante a relação sexual.¹⁷ Outro trabalho, realizado em São Paulo, mostrou que uma grande proporção de mulheres não se preveniam das DST.¹⁸

Em virtude da magnitude da Aids e da revolução sexual observada nos últimos anos, é difícil compreender essa distância entre o medo da Aids e o uso de preservativo. A questão entre usar ou não usar o preservativo envolve muito mais que o saber, envolve mitos, crenças e auto-confiança em demasia. Baseado nisso, foi feita uma pesquisa para investigar a frequência do uso de preservativos entre os alunos da Faculdade de Medicina de Barbacena e o que eles pensam a respeito do binômio camisinha/Aids, já que esta população é privilegiada pelo alto nível de informação a respeito de doenças, prevenção e saúde.

METODOLOGIA

O presente estudo é um corte transversal realizado através de um inquérito sobre o uso de preservativos entre os alunos da Faculdade de Medicina de Barbacena.

Os alunos incluídos nesta pesquisa encontram-se nos seguintes períodos: 2º, 3º, 4º, 5º, 6º e 8º e 10º do segundo semestre do ano 2000, dando uma somatória de 427 alunos. Os 1º e 12º períodos foram excluídos por dificuldade de obtenção de dados.

Em posse da lista de chamadas de cada período, uma lista única dos alunos foi elaborada. A partir desta lista, houve a seleção da amostragem pesquisada. O tamanho da amostra foi calculado com base em percentual esperado de respostas positivas para o uso de preservativo de 30%, para uma estimativa de precisão de 3% e erro alfa de 5%, sendo esta amostra ajustada para uma população de 420 alunos; chegando, assim, a um total de 300 alunos. A randomização foi feita tomando cada aluno como uma unidade. Portanto, não foram randomizados os períodos, mas sim, os estudantes na lista única.

A randomização foi feita por computador, utilizando software EPI-INFO versão 6.04. Os alunos foram escolhidos ao acaso até que completou o número mínimo da amostragem que a pesquisa exigiu, considerando as variáveis epidemiológicas adotadas.

Os alunos da amostragem faltosos no dia da pesquisa foram substituídos pelos alunos subsequentes na relação única.

A coleta de dados foi realizada através de um questionário dotado de 23 questões, abordando conhecimentos gerais sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis e sexualidade. Todos os alu-

nos selecionados responderam ao questionário numa sala de aula, utilizando o mesmo tipo de caneta, sendo o questionário, após resolvido, colocado dentro de um envelope e em seguida depositado em uma urna única. Neste questionário não constaram nomes nem demais caracteres que pudessem demonstrar a identidade do aluno; preservando, assim, o anonimato.

A análise dos resultados do inquérito foi realizada em um computador, através do *software* de processamento estatístico EPI-INFO versão 6.04, depois da transcrição dos dados registrados nos formulários do questionário para o meio magnético. Foram construídas as distribuições de frequência das variáveis contidas no formulário e calculadas as taxas de prevalência de modo usual. Comparações entre subgrupos da amostra foram efetuadas em tabelas de continência R X C, para dados categóricos e através do uso de médias e respectivos erro-padrões no caso de dados expressos através de escala numérica. Nessas comparações, as diferenças foram testadas pelo método do qui-quadrado e pelo teste de *Student*. No cálculo dos intervalos de confiança foram utilizadas as curvas de *Student*. O nível de confiança estatístico nas comparações e no cálculo dos intervalos foi de 95%.

RESULTADOS

De um total de 300 alunos selecionados da lista única da Faculdade, 292 responderam ao questionário. Destes, um foi descartado por apresentar erros de preenchimento, resultando numa amostragem final de 291 questionários.

A frequência do sexo entre os alunos da amostra foi de 159 do sexo masculino (54,64%), 128 do sexo feminino (43,99%) e 4 alunos (1,37%) não responderam. A idade média dos alunos foi de 22,3 (DP=2,7), apresentando valores mínimo e máximo de 18 e 36 anos, respectivamente. Com relação ao estado civil, a maioria é solteira, 283 (98,6%), 2 são casados (0,7%) e 2 são desquitados (0,7%). O total de alunos da amostra, estratificado pelos períodos cursados é apresentado na tabela 1.

A respeito da Aids, os alunos marcaram se são falsas ou verdadeiras as afirmações listadas na tabela 2.

Sobre o nível de preocupação dos alunos a respeito da Aids, 239 alunos (82,4%) preocupam muito, 48 (16,6%) preocupam pouco e apenas 3 (1%) não preocupam.

A frequência das respostas às questões se são verdadeiras ou falsas as afirmações que determinados eventos transmitem Aids é apresentada na tabela 3.

A tabela 4 mostra a frequência das respostas dos alunos a respeito da atitude que tomariam frente a um colega com o vírus da Aids. Quando indagados se já foram acometidos por alguma DST, 256 alunos (88%) afirmaram nunca ter sido, 31 alunos (10,7%) afirmaram já ter sido acometidos por alguma DST, e 4 alunos (1,4%) não sabem. Excluindo os alunos que nunca tiveram relação sexual, a frequência das respostas obtidas foi de 216 alunos (86,1%) nunca tiveram DST, 31 (12,4%) já tiveram alguma DST e 4 alunos (1,6%) não sabem.

Com relação à sexualidade dos alunos da amostra, 251 alunos (86,3%) já tiveram iniciação sexual e 40 alunos (13,7%) ainda não tiveram sua primeira relação sexual. A média de idade da iniciação sexual foi de 16,7 (DP=2,4), variando entre 9 e 24 anos de idade. Destes, 168 alunos (66,94%) fizeram uso de preservativo na primeira relação, 79 (31,47%) não usaram e 4 (1,59%) alunos não responderam.

A maioria dos alunos, 154 alunos (62,1%), mantém relações sexuais com apenas um parceiro fixo, 4 alunos (1,6%) apresentam mais de um parceiro fixo, 43 (17,3%) apresentam um parceiro fixo e parceiros ocasionais, 5 (2%) apresentam mais de um parceiro fixo

e parceiros ocasionais, 42 alunos (16,9%) não têm parceiro fixo e 3 não responderam, como mostra a figura 02. Ainda com relação aos parceiros, 237 alunos (95,6%) mantêm relações com parceiros do sexo oposto, 9 (3,6%) mantêm relações com parceiros do mesmo sexo, 2 (0,8%) se relacionam com ambos os sexos e 3 não responderam. A quantidade média de parceiros durante o período de um ano foi de 2,5 (DP=3,0), com valores mínimo e máximo de 0 e 22, respectivamente.

Com relação ao uso de camisinha, 103 (41,5%) responderam sempre usar, 83 (33,5%) usam na maioria das vezes, 46 alunos (18,5%) usam algumas vezes e 16 alunos (6,5%) afirmaram nunca usar o preservativo. Dentre as razões para o uso do preservativo, 227 alunos (94,6%) usam para evitar a gravidez, 209 (87,1%) usam para evitar a Aids, 188 (78,3%) usam para evitar outras doenças e apenas 20 (8,3%) usam porque o parceiro(a) exige. A tabela 05 apresenta as razões para o não uso do preservativo, de acordo com as respostas dos alunos.

A relação entre a incidência de DST e o sexo dos alunos que responderam o questionário apresentou valor de p maior que 0,05, assim como a associação entre incidência de DST e idade, que também apresentou valor de p superior 0,05. Os alunos que já tiveram alguma DST apresentaram idade média de iniciação sexual igual a 15,6 (DP=2,3), enquanto que os alunos que relataram não terem tido DST apresentaram idade média de 16,9 (DP=2,4). A comparação das duas médias apresentou $p = 0,02$. A relação verificada entre a incidência de DST e a quantidade de parceiros sexuais no último ano, foi aferida através da comparação da quantidade média de parceiros, entre aqueles que nunca tiveram DST, 2,2 parceiros (DP=2,5), e a quantidade média de parceiros entre os alunos que já tiveram DST, 4,1 (DP=4,9). Essa comparação apresentou $p = 0,03$.

A frequência da iniciação sexual entre os alunos dos sexos masculino e feminino mostra que 96,2% dos alunos do sexo masculino já tiveram relação sexual e, entre as alunas esse percentual é de 74,2%. A comparação desses percentuais apresentou $p = 0,00000016$. A média de idade dos alunos que já tiveram relação sexual foi de 22,5 (DP=2,7), enquanto que nos alunos que ainda não tiveram relação sexual a idade média foi de 21,2 (DP=2,2), sendo p igual a 0,002.

A média de idade de iniciação sexual no sexo feminino foi de 18,4 (DP=2,0), e a do sexo masculino foi de 15,7 (DP=2,1). A comparação das duas apresentou $t = 9,4$ e $p = 0$.

O estudo da associação entre o uso de preservativo na primeira relação e o sexo apresentou valor de p superior a 0,05.

A comparação dos diferentes modos de uso, atual, de preservativos entre os dois sexos é apresentada na tabela 6. Os dados comparados nessa tabela apresentaram $c^2 = 15,76$ e $p = 0,0012$.

A frequência do uso de preservativos por tipo de parceiros é apresentada na tabela 07. Os dados comparados nessa tabela apresentaram $c^2 = 23,21$ e $p = 0,0001$.

No que se refere à frequência do tipo de parceiro sexual associada ao sexo dos alunos, constatamos que a quantidade média de parceiros sexuais no último ano do sexo feminino foi de 1,3 (DP=0,8), e a do sexo masculino foi de 3,2 (DP=3,5). A comparação desses valores apresentou $t = 4,97$ e $p = 0,000001$.

A relação entre o uso de preservativo e o nível de preocupação a respeito da Aids mostrou valor de p superior a 0,05. O mesmo ocorreu com a relação entre o uso de preservativo e o período que os alunos estavam cursando. A relação entre uso de preservativo e incidência de DST também apresentou valor de p superior a 0,05.

A comparação feita entre o uso de preservativo e a quantidade de parceiros no último ano mostrou que a quantidade média de parceiros entre os alunos que sempre usam o preservativo, ou o

usam na maioria das vezes, foi de 2,7 (DP=3,2), e entre os alunos que nunca usam o preservativo, ou o usam algumas vezes, a quantidade média foi de 1,7 (DP=1,8), sendo $t = 2,3$ e $p = 0,02$.

TABELA 1

Tamanho da amostra coletada, estratificada pelo período que está cursando

Período	Alunos	
	n	%
02	32	11,0
03	31	10,65
04	37	12,71
05	40	13,74
06	55	18,90
08	38	13,06
10	50	17,18
*	8	2,75
Total	291	100,0

* não responderam a este quesito

TABELA 2

Frequência das respostas dos alunos sobre o que pensam a respeito da Aids

Afirmações	Respostas			
	Verdadeiro		Falso	
	n	%	n	%
existem doenças mais preocupantes que a Aids	148	52,1	136	47,9
não concorda com nenhuma das anteriores	120	42,3	164	57,7
as campanhas sobre Aids vão contra aos bons costumes da família	16	5,5	274	94,5
tanta propaganda em torno da Aids é para vender camisinha	7	2,4	283	97,6
Aids é um castigo divino	6	2,1	284	97,9
Aids é uma doença de homossexuais e usuários de drogas	6	2,1	285	97,9
Aids só acontece para quem tem muitos parceiros sexuais	2	0,7	289	99,3
quem é casado(a) não precisa se preocupar com a Aids	1	0,3	290	99,7

TABELA 3

Frequência das respostas ao questionamento se é falsa ou verdadeira a afirmação de que os eventos listados transmitem Aids.

Meios de Transmissão	Respostas					
	Verdadeiro		Falso		Não Sabe	
	n	%	n	%	n	%
tatuagem	237	81,4	38	13,1	16	5,5
sexo oral	217	74,6	59	20,3	15	5,2
dentista	231	79,4	50	17,2	10	3,4
manicure	212	72,9	58	19,9	21	7,2
doação de sangue	202	69,4	89	30,6	-	-
beijo na boca	29	10	250	85,9	12	4,1
picada de inseto	9	3,1	271	93,1	11	3,8
uso de seringa	291	100	-	-	-	-
toalha de banho	3	1	287	98,6	1	0,3
sexo anal	283	97,3	6	2,1	2	0,7
roupas	-	-	290	99,7	1	0,3
talheres	1	0,3	290	99,7	-	-
sexo vaginal	289	99,3	2	0,7	-	-
beijo no rosto	1	0,3	290	99,7	-	-
convívio social	1	0,3	290	99,7	-	-
abração	-	-	290	100	-	-
transfusão sanguínea	288	99	3	1	-	-
uso de vaso sanitário	4	1,4	284	97,6	3	1

TABELA 4

Frequência da atitude dos alunos frente um colega com o vírus da Aids

Atitude	n	%
demonstraria solidariedade	238	81,8
ficaria preocupado e prestaria mais atenção à sua saúde	176	60,5
procuraria mais informações sobre a doença	88	30,2
indiferente	34	11,7
avisaria a faculdade	15	5,2
evitaria o colega	4	1,4
sairia da faculdade	-	-
solicitaria a saída do colega	-	-

TABELA 5

Razões para o não uso do preservativo

Razões	n	%
só usa quando não conhece o(a) parceiro(a)	51	34,2
só usa no começo dos relacionamentos	44	29,7
só usa durante os períodos férteis	38	25,7
diminui o prazer	32	21,6
é muito tesão e não dá tempo para colocar	24	16,2
só usa com prostitutas	23	15,5
dificuldade para comprar (vergonha, falta de dinheiro etc.)	1	0,7
outros	57	38,5

TABELA 6

Comparação entre o uso de preservativo e o sexo

Uso de preservativo	Sexo			
	Feminino		Masculino	
	n	%	n	%
usa sempre	28	30,1	75	49,3
usa na maioria de vezes	30	32,3	52	34,2
usa algumas vezes	26	28,0	18	11,8
nunca usa	9	9,7	7	4,6
Total	93	100,0	152	100,0

TABELA 7

O uso de preservativo relacionado ao tipo de parceiro sexual

Tipo de parceiro	Uso de preservativo			
	Usa sempre ou na maioria das vezes		Nunca usa algumas vezes	
	n	%	n	%
sem parceiro fixo	40	95,2	2	4,8
um parceiro fixo e ocasionais	39	90,7	4	9,3
mais de um parc. fixo e ocasionais	4	80	1	20
mais de um parceiro fixo	3	75	1	25
um parceiro fixo	100	64,9	54	35,1

DISCUSSÃO

Neste estudo houve uma pequena diferença entre o número de alunos do sexo masculino e feminino, predominando o sexo masculino com 54,64%. Esse percentual está dentro dos padrões da faculdade investigada, sendo que 56,1% dos alunos matriculados no 1º semestre de 2000 são do sexo masculino. A idade da maioria dos alunos situa-se entre 19 e 25 anos de idade, compatível com a idade dos universitários em geral. Com relação ao estado civil, quase todos os alunos (98,6%) são solteiros, o que é comum nesta faixa etária e nível sociocultural.

A amostra foi uniformemente distribuída entre os períodos, proporcionalmente com a quantidade de alunos matriculados em cada período.

A respeito da Aids, há uma pequena parte dos alunos que ainda acredita nas crenças de que a Aids só acomete determinados grupos de risco. Isso é importante porque os alunos, futuros profissionais da saúde, terão que prestar uma assistência humanística, isenta de preconceitos e desinformação. Gir *et al*¹⁹ salientou que se o indivíduo carrega consigo preconceitos, ele pode transmiti-los, o que é indesejável. Maior parte dos alunos (52,1%) acredita que existem doenças mais preocupantes que a Aids. Apesar disso, a maioria (82,4%) afirma que se preocupa muito com a Aids, mostrando a real importância da Aids no nosso cotidiano.

Analisando as respostas a respeito dos meios de transmissão da Aids, notou-se que os alunos ainda têm uma dificuldade de caracterizar corretamente os meios de transmissão da doença, até mesmo porque muitos destes ainda não foram completamente esclarecidos. Houve maior confusão nos meios de transmissão denominados “doação de sangue”, “manicure”, “sexo oral”, “dentista” e “tatuagem”, em ordem decrescente.

Com relação à atitude dos alunos frente um colega com o vírus da Aids, as respostas mostraram e confirmaram a baixa taxa de preconceito, sendo que somente 1,4% dos alunos evitaria o colega e 81,8% seria solidária. É claro que o ideal seria a ausência de preconceito.

A maioria dos alunos (88 %) afirmou nunca ter tido DST, ao passo que 10,7% já tiveram. Excluindo os alunos que nunca tiveram relação sexual, a incidência de DST eleva-se para 12,4%. Essa é a taxa de incidência de DST observada na literatura em geral, mas provavelmente os alunos podem já ter tido uma DST sem que tivessem percebido, o que na realidade mostraria uma incidência superior ao verificado. Não houve uma relação da incidência de DST com sexo e idade.

Comparando a incidência de DST com a idade média de iniciação sexual e quantidade média de parceiros no último ano, verificou-se que os alunos que já tiveram DST iniciaram a vida sexual precocemente e tiveram mais parceiros no último ano.

Esta pesquisa também mostrou que 86,3% dos alunos já tiveram relação sexual, sendo esta taxa de 96,2% nos homens e de 74,2% nas mulheres. Valores esses inferiores aos encontrados em trabalho semelhante realizado em Niterói⁵ e superiores ao trabalho realizado pela UFMG (Candiani e Rocha, 1997). A idade média entre os alunos que já tiveram relação sexual e os alunos que ainda não iniciaram não apresentou diferença significativa.

Com relação à idade de iniciação sexual dos alunos, a idade média da amostra foi de 16,7 anos. Quando comparado com o sexo, foi verificado que o homem teve iniciação sexual mais cedo que as mulheres, resultado também observado em outros trabalhos.^{2, 5, 20} O uso do preservativo na primeira relação ocorreu na maioria dos alunos (66,94%), o que demonstra a mudança do comportamento sexual que vem ocorrendo ultimamente, com maior conscientização das pessoas. Não houve relação entre o uso de preservativos na primeira relação sexual e o sexo dos alunos.

Com relação ao tipo de parceiro sexual, a maioria dos alunos (62,1%) mantém relações sexuais com apenas um parceiro fixo, porém, quando comparado de acordo com o sexo, nota-se que o sexo feminino mantém mais relações com parceiro fixo; que os alunos do sexo masculino mantêm mais relações sem parceiros fixos e que praticam mais a infidelidade. Ainda com relação ao parceiro sexual, a imensa maioria (95,6%) é heterossexual enquanto o restante se divide em homossexuais e bissexuais. A taxa de homossexualismo e bissexualismo nesta amostra está abaixo da taxa nacional, talvez por causa do preconceito existente, levando o aluno a omitir no questionário a sua real opção sexual.

A quantidade média de parceiros no último ano foi de 2,5 parceiros; quando comparados com o sexo, verificou-se que os alunos do sexo feminino apresentaram menos parceiros que o sexo masculino, demonstrando assim uma tendência à promiscuidade desses.

Com relação ao uso de preservativos, ponto principal deste trabalho, observou que a maior parte dos alunos (75%) sempre usa ou na maioria das vezes o preservativo e que uma pequena parte (6,5%) nunca usa. Quando associado ao sexo, percebe-se que os alunos usam mais que as alunas, 83,5% contra 62,4%. Os trabalhos de Paladini⁹ e de Candiani *et al.* (1997) também referem maior uso de preservativo pelos homens. Além disso, a relação entre o uso de preservativo e tipo de parceiro sexual mostrou que os alunos que mantêm relações sexuais com apenas um parceiro fixo usam menos que os alunos que não possuem parceiros fixos.

Revelou também que o uso de preservativo é maior naqueles alunos que apresentaram maior quantidade de parceiros nos últimos doze meses. Não houve relação do uso de preservativo com o nível de preocupação a respeito da Aids, ao período em que o aluno está cursando ou à incidência de DST. Isso indica que o uso de preservativo, na verdade, não está relacionado ao sexo, à idade, ou ao nível de preocupação, e sim, à quantidade de parceiros e à “experiência” vivenciada pelo aluno.

A principal razão para o uso de preservativo, apontada pelos alunos, foi no sentido de se evitar uma gravidez indesejada (94,6%), apesar de todas as campanhas governamentais a respeito da prevenção da Aids, sendo que a preocupação de se evitar a Aids vem em segundo lugar.

Dentre as razões para o não uso do preservativo, a alternativa mais apontada foi “outros” que, provavelmente, de acordo com os resultados desse trabalho, deve significar relação com parceiro fixo.

CONCLUSÃO

O presente trabalho revelou que o preconceito e as crenças em torno da Aids estão sendo cada vez mais rejeitadas pelos alunos, e que ainda há muita dúvida a respeito das DST e meios de transmissão da Aids.

De acordo com os achados deste trabalho, concluímos que o perfil sexual dos estudantes de medicina é bastante semelhante em qualquer que seja a faculdade. Pelo estudo realizado evidenciou-se que a grande maioria dos alunos pratica ativamente o sexo, sendo o homem o mais praticante, o que mais cedo tem iniciação sexual, o que mantém mais relações com parceiros ocasionais e o que usa o preservativo com maior frequência.

O uso de preservativo pelos alunos da Faculdade de Medicina de Barbacena é maior que em vários outros trabalhos analisados, 3, 9, 14, 20, 21, 22, 23, 24 mostrando uma maior conscientização da população universitária da área da saúde. Porém, não é o desejado tendo em vista toda a carga de informação que o aluno de medicina recebe. Mas não podemos deixar de considerar que todas as pessoas são envolvidas por sentimentos e paixões, e não somente por razões, e que a maioria dos alunos da Faculdade de Medicina de Barbacena mantêm relações com parceiro fixo exclusivo, relações essas embasadas na fidelidade e respeito, o que justifica para eles o não uso do preservativo na parcela de alunos que usa pouco ou não usa. Esse princípio é coerente, mas não isenta a pessoa de adquirir ou transmitir doenças, principalmente a Aids, posto que a pessoa pode estar contaminada e mesmo assim não saber, devido ao longo período de incubação do HIV. Além disso, ainda há outros meios de transmissão da Aids não relacionados com o ato sexual como a transmissão ocupacional, e que está intimamente relacionada a essa classe estudada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, E.A.; SZWARCOWALD, C.L. Mais uma pedra no meio do caminho dos jovens brasileiros: a Aids. In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998. Vol. I: 165-397.
- BENTO, I. & BUENO, S. Sexualidade e DST/Aids em uma população universitária. *J bras Doenças Sex Transm*. Niterói, RJ. v.11, n. 2, p. 17-25. 1999.
- FAÇANHA, M.C. *et al.* Estudo preliminar do comportamento sexual de estudantes de medicina no estado do Ceará. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1999.
- MULIM, L.R. *et al.* – Pesquisa voltada para o comportamento sexual de uma população universitária específica, tendo como base o seu conhecimento sobre DST. Niterói: Escola Superior de Ensino Helena Antipoff – ESEHA, 1998.
- PALADINI, M. *et al.* – Perfil sexual dos estudantes de medicina: uma análise do comportamento sexual. Rio de Janeiro: Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, 1998.
- PELTZER, K. Factors affecting condom use among South African university students. *East Africa Med. J.* 77(1) 46-52. 2000.
- BENNET, J.C.; PLUM, F. *Tratado de medicina interna*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997, vol. 2.
- BUENO, S.M.V. *et al.* Educação para promoção da saúde sexual DST/Aids. Ribeirão Preto-SP: Villimpress, 1995.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. *Manual de diretrizes técnicas para elaboração e implantação de programas de prevenção e assistência das DST/Aids no local de trabalho*. Brasília: 1998.
- SZWARCOWALD, C.L. *et al.* Aids: o mapa ecológico do Brasil, 1982-1994. In: Brasil, Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. *Simpósio Satélite: A epidemia da Aids no Brasil: situações e tendências*. Brasília, 1997.
- LOPES, V.G. S. – HIV: Perfil da atual transmissão heterossexual no Brasil. *DST - J bras Doenças Sex Transm*. Niterói, RJ. v. 10, n.6, p. 41-43. 1998.
- Home Page da Coordenação Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde do Brasil (<http://www.Aids.gov.br>).
- MOREIRA, L.C.A boca como alvo de DST/Aids. *DST - J bras Doenças Sex Transm*. Niterói, RJ. *DST in Fortaleza*, 3 a 6 de setembro, 2000. p. 38.
- CENTER FOR DISEASE CONTROL. Recommendations for prevention of HIV transmissions in health-care settings. *MMWR*. 1987; 38 (Suppl. 2): 15.
- SHERRIS, J.D.; LEWISON, D.; FOX, G. Atualização sobre condons: produtos, proteção e promoção. *Population Reports*. vol.6 série H. 1983.
- ALMEIDA, T.R. *O uso do preservativo masculino no Brasil nos últimos 6 anos*. Brasília, DF: Ministério da Saúde - Coordenação Nacional de DST e Aids. 1998.
- PIRES, I.C.P.; MIRANDA, A.E.B. Prevalência e fatores correlatos de infecção pelo HIV e sífilis em prostitutas atendidas em Centro de Referência DST/Aids. *Rev. Bras. Ginecologia e Obstetrícia*. 1998; 20(3).
- JIMÉNEZ, A.L. *Prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis*: associação com variáveis econômicas, sociais e demográficas. São Paulo: s.n, 1999. 99p. ilust, tab.
- GIR E. *et al.* Opinião de universitários sobre o uso do condom e sua influência no exercício da sexualidade. *Medicina*, Ribeirão Preto-SP, 30: 100-105, 1997.
- MACHADO, A.A. *et al.* Avaliação do conhecimento sobre DST e Aids entre universitários de Ribeirão Preto/SP. Ribeirão Preto, SP: Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP). *Medicina*, Ribeirão Preto, SP. 1997.
- BUENO, S. M. V. – Marco conceitual e referencial teórico de educação para a saúde: orientação à prevenção da DST/Aids e drogas no Brasil para a criança, adolescente e adulto jovem. Brasil. Ministério da Saúde, Coordenação Nacional de DST/Aids. Brasília, 1998.
- LIMA, J.C. – Aspectos pedagógicos e éticos nas ações de prevenção em Doenças Sexualmente Transmissíveis. *DST - J bras Doenças Sex Transm*. Niterói, RJ. v.11, n.1, p.26-27. 1999.
- LIMA, S. R. *et al.* – Abordagem de DST e Aids no currículo do curso de Medicina da UFPB. *DST - J bras Doenças Sex Transm*. Niterói, RJ. v. 12, n.5, p.87, 2000.
- METENS, T. & PIOT, P. Global aspects of human immunodeficiency virus epidemiology: general considerations. In: *Aids: biology, diagnosis, treatment and prevention*, 4ª ed., 1995.

Endereço para correspondência:

Fábio HW Botelho

Rua Espírito Santo, 1752 / aptº 801 - Lourdes

Cep:30.160-031 - Belo Horizonte – MG

Email:camarafred@yahoo.com